

MACAPACARANA: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E (SOCIO)LINGUÍSTICA AO RECONHECIMENTO DAS IDENTIDADES CULTURAIS DO POVO AMAPAENSE

Romário Duarte SANCHES¹

RESUMO: O presente trabalho pretende mostrar os diversos fatores que formaram e formam a sociedade amapaense, sendo analisados numa perspectiva histórica, social, econômica, cultural e principalmente linguística. Assim, será feita uma abordagem aprofundada mediante a leitura, estudo e análise de livros sobre o contexto histórico do Amapá e sua formação populacional, em seguida explicita-se como a história contribuiu para sua formação cultural e por último retrata-se o livro paradigmático Macapacarana de Giselda Laporta Nicolelis que relata aspectos preponderantes encontrados no estado do Amapá, no qual se destaca a fala, costumes e crenças na tentativa de reconhecer as identidades culturais do Amapaense, compreendendo e respeitando a diversidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Macaparana, Cultura, Língua, Amapá

ABSTRACT: This paper aims to show the many factors that society formed in the Amapá, being analyzed in a historical perspective, social, economic, cultural and especially language. Thus, there will be an in-depth by reading, study and analysis of books on the historical context of Amapa and your population formation, then expresses it self as the story contributed to its cultural and finally portrays the text book Macapacarana of Giselda Laporta Nicolelis reporting musts foundin the state of Amapa, which emphasizes the speech, customs and beliefs in an attempt to recognize the cultural identities of the people of Amapa, understanding and respecting cultural diversity.

KEYWORDS: Macaparana, Culture, Language, Amapa

INTRODUÇÃO

Para a iniciação do trabalho foram feitas diversas leituras bibliográficas para acúmulo de informações como livros de abordagens históricas sobre o processo de formação da população amapaense com suas intervenções sociais, econômicas e principalmente culturais. Vale ressaltar que essas leituras são introdutórias, pois a pesquisa será voltada restritamente a análise do livro Macapacarana, no qual se aborda um resumo da obra para então adentrar na análise, verificando quais os aspectos incutidos em nossa sociedade amapaense em especial a nossa forma de comunicação dada pela expressão oral, a fala.

¹ Graduado em Licenciatura Plena em Letras com habilitação em Língua Inglesa pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP e Graduando em Ciências Sociais de Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. E-mail: duarte.romrio@gmail.com.

1 CONTEXTO HISTÓRICO DO AMAPÁ: SOCIEDADE E CULTURA

O Amapá sendo um dos 26 (vinte e seis) estados brasileiros foi um dos que teve sua incorporação legal tardia, em que segundo Drummond e Pereira (2007) começa em 1901, com o Laudo da Suíça, atuando como árbitro entre as disputas territoriais e diplomáticas da França e Brasil, foi decidido que o Brasil teria soberania sobre o território amapaense contestado que se “localizavam ao norte do rio Araguari e a leste do rio Oiapoque, em que se fazia metade do atual estado do Amapá” (2007, p. 65).

Para Nunes Filho (2009) essas invasões e disputas pelo território são características comuns das raízes da formação amazônica encontradas nas regiões do nordeste e sudeste do Brasil há séculos atrás. Devido o interesse por esses produtos silvestres coletados ou cultivados em terras amapaenses, as disputas se tornam mais acirradas, quando se descobre ouro na região, fator que ocasiona grande fluxo migratório que por sua vez resulta na criação de novas vilas e crescimento da atividade extrativista.

E é em decorrência dessas invasões e disputas que “Portugal inicia no século XVIII a construção de fortins, fortes, fortaleza, aldeamentos, povoados e vilas em vários pontos do que é o Amapá hoje” (2009, p. 218). Porém para que se possa começar esse processo de povoação e fortificações em terras amapaenses, há a necessidade de se contratar homens para mão-de-obra. Assim inicia-se a ocupação do território que de acordo com Jurandir Moraes e Paulo Moraes, o então “Governador Mendonça Furtado² trouxe para cá algumas famílias (colonos) vindos das ilhas de Açores, com o objetivo de iniciar uma pequena povoação e construir barracos para servirem de alojamento aos soldados que aqui serviriam”(2005, p. 20).

Jurandir Moraes e Paulo Moraes ainda afirmam que “muitos desses colonos eram degradados de Portugal como prostitutas, presos políticos, negros africanos ou oriundos da Bahia e do Rio de Janeiro, além dos índios que habitavam o local” (2005, p. 20), vale ressaltar que no caso dos negros

² Francisco Xavier de Mendonça Furtado era irmão de Marquês de Pombal ministro de D. José I e governador de Grão-Pará e Maranhão.

africanos Mendonça Furtado foi levado a criar, devido a importância de garantir a segurança e efetivação de posse das terras, a vila do Mazagão e vila vistoso Madre de Deus.

Também houve outros motivos que não o de povoamento ou demarcação de terras para a criação de Mazagão como afirma Nunes Filho (2009), em relação da criação de Mazagão que é dada da seguinte forma:

A fundação se deu em cumprimento às ordens da Coroa Portuguesa de abrigar 163 famílias de colonos portugueses cristãos, oriundos do Castelo de Mazagran (hoje El Djadidá), no Marrocos, que se desentendiam historicamente com os mouros (mazaganenses convertidos ao islamismo). Neste local do Marrocos, os mouros passaram a reprimir quem não se adaptasse às leis islâmicas, resultando em inúmeros conflitos, alguns com vitórias e derrotas de um lado e de outro, culminando com a saída dos cristãos da região. Assim chegaram os marroquinos a Mazagão, por volta de 1771, fixando-se na vila que passou também a se denominar Mazagão, em homenagem à terra africana. (NUNES FILHO, 2009, p. 220)

Passado o período colonial, outro fator que impulsionara o reconhecimento do Amapá é quando ele passa a ser território Federal citado por Drummond e Pereira:

Apenas em 1943 aconteceu uma mudança político-administrativa importante: o Decreto Federal 5. 812, de 13 de setembro, criou o Território Federal do Amapá, desmembrando-o do Pará. O novo território compreendia todas as terras adquiridas pelo Brasil (como consequência da arbitragem de 1901) mais uma porção quase tão grande de terras situadas a sul do rio Araguari, a leste do rio Jari e ao norte do estuário do rio Amazonas. (DRUMMOND e PEREIRA, 2007, p. 65-66)

Após 45 anos de ser admitido como território, o Amapá passa por outra transformação em 1988 quando por meio da Constituição brasileira promulgada naquela época foi elevado à condição de estado. Porém em relação a “investimentos” no então estado amapaense se dão muito antes dessa promulgação, mas sim enquanto Território Federal na década de 60, 70 e 80. Pois nessa época começam as preocupações com a Amazônia no sentido de integrá-la e combater o contrabando e exploração de recursos naturais ilegais. Já no Amapá não é diferente, houve vários projetos responsáveis pela expansão e ocupação da região.

Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP

Segundo Andrade (2005) essa transformação do então território em estado, efetivado a partir de 1988, possibilitou que novas oportunidades de trabalho fossem ofertadas, principalmente na construção civil, o que influenciou numa intensa movimentação populacional para o estado. Drummond e Pereira (2007) completam tal afirmação quando relatam que na década de 80 há o aumento das taxas do crescimento populacional devido “à abertura de novos garimpos de ouro, à instalação de várias empresas mineradoras de ouro e à criação de novos municípios” (2007, p. 71).

Andrade (2005) observa que em 1990 a dinâmica migratória vem se consolidando de forma expressiva, pois o estado recebeu cerca de 42.722 pessoas de outras unidades da federação, sendo que 72, 58% (31.009) vieram do estado do Pará e 13,98% (5.973) do Maranhão. E ressalta-se ainda que no mesmo período, devido ao incentivo do governo amapaense aos agricultores já instalados, centenas de famílias oriundas do Maranhão, Rio Grande do Norte e de outros estados, aumentando o fluxo migratório e populacional.

Esse grande fluxo migratório ocorre segundo Andrade (2005), por meio diversos fatores bem como:

[...] instalação da ICOME (Indústria e Comércio de Minérios S/A), projeto Jarí, à exploração de ouro nos municípios de Calçoene, Tartarugalzinho, Amapá e Oiapoque, à criação da ALCMS (Área de Livre Comércio Macapá e Santana) e às ações do governo federal, que impulsionaram obras de infra-estrutura social e econômica. (ANDRADE, 2005, p. 94)

Assim, percebemos como se iniciou a constituição da sociedade amapaense como afirma Nunes Filho (2009) com migrações de vários tipos étnicos, classificadas como: “ameríndios³, ingleses, holandeses, franceses, portugueses, africanos, brasileiros nordestinos” (2009, p. 226). O que resultou em uma mistura de hábitos, costumes, tradições, formas de organização, diferentes formas de interação com o meio ambiente e com a população nativa, ou seja, nasce a pluralidade cultural do povo amapaense, sendo reflexo de seu passado.

³ Indígena Americano, termo sugerido pelo Dr. Charles Scott ao geólogo e etnólogo norte-americano John Wesley Powell (1834-1902), e empregado para distinguir o índio americano do índio asiático.

Mas para que possamos adentrar na abordagem sobre identidade cultural ou cultura amapaense, teremos que entender, a priori, o que seria de fato cultura. Pois o termo já passou e passa por vários aprimoramentos em seu significado.

No livro intitulado “Cultura: um conceito antropológico” nos deparamos com o conceito de Laraia *apud* Taylor (2009) que designa cultura tomando em seu amplo sentido etnográfico e é este todo complexo que inclui “conhecimento, crenças, artes, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade de hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 2009, p. 25). Não muito distante do sentido anterior, Bruno Lira aborda que:

A cultura faz o homem, e este, por sua vez é também um produtor de cultura. Hoje se sabe que o conceito de cultura, a partir dos estudos socioculturais, ampliou-se e não se pode mais defini-la, apenas, como uma manifestação de determinado grupo de pessoas. É muito mais uma leitura através de pontos de vistas diferentes, ou seja, uma apreciação a partir do lugar social de cada indivíduo. [...] não se pode mais viver e ler as diversas realidades a partir de um único aspecto, como se estivéssemos usando “antolhos”, mas deverá ser sempre uma leitura diversificada e dinâmica. (LIRA, 2010, p. 17)

Assim, nos desprendendo do estudo de cultura numa visão geral, nos restringimos ao estudo das culturas existentes em nossa sociedade – digo culturas, pois Laraia (2009) afirma a existência da diversidade cultural sendo explicada por Taylor como o resultado da desigualdade de estágios existentes no processo de evolução, ou seja, é essa tal diversidade que nos leva acreditar na não existência de uma única cultura, também afirmando que é possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico – portanto podemos sugerir aqui o termo cultura amapaense, pois Nunes Filho afirma que:

[...] a constituição da cultura amapaense é consequência da miscigenação da cultura portuguesa, francesa, ameríndia, africana e, por último, nordestina. Fruto desta miscelânea cultural é o folclore amapaense, como conjunto de tradições, lendas, crenças e costumes populares. Cada região possui costumes próprios do povo, seja na alimentação, nas danças ou nas crenças. (NUNES FILHO, 2009, p. 229)

Contudo, presenciemos esses costumes, danças e crenças no estado do Amapá, como uma das marcas da identidade cultural, como cita Nunes filho (2009), por exemplo, o Marabaixo e Batuque, dança típica do estado de origem africana, na alimentação temos pratos ameríndios e africanos como a maniçoba, o vatapá, o caruru, pato no tucupi e entre outros.

Vale ressaltar o conceito de identidade cultural segundo Hall (2006) em que, na concepção sociológica, a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade e que o sujeito pós-moderno não tem uma identidade e sim várias identidades.

A identidade “torna-se uma ‘celebração móvel’ formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13). Isso nos levar a compreender que o sujeito assume identidades diferentes em variados momentos, podendo captar sistemas de significação e representação cultural que combinem com a possível identidade com que cada um se identifica e projetando ou construindo a(s) sua(s) identidade(s).

Mas para além de todo esse contexto abordado de cultura e identidade cultural, é determinado um dos aspectos mais importantes para relação social e cultural de dada sociedade que é a sua fala. E é nesse aspecto linguístico, ou melhor, sociolinguístico, que vamos nos atentar e aprofundar nossos estudos. Uma vez que sabemos que a língua falada determina a nossa cultura ou identidade cultural deixando de lado, em partes, a língua escrita por não possuir a vivacidade nas expressões no qual queremos passar de tal modo como desejamos que fosse. Assim afirma Rognon *apud* Rousseau:

A escrita que deve fixar a língua é exatamente o que a altera; não lhe muda as palavras, mas a natureza; substitui a expressão pela exatidão. Expressam-se os sentimentos quando se fala e varia as acepções pelo tom; determina-as como deseja. Menos preocupado em ser claro, dá prioridade à força, e não é possível que uma língua que se escreve guarde por muito tempo a vivacidade de uma que é apenas falada. (ROGNO *apud* ROUSSEAU, 1991, p. 26)

Por meio desses conceitos podemos inferir que a língua, meio de comunicação social, também é considerada aspecto indispensável e integrante

da cultura ou culturas, pois Calvet (2002, p. 161) afirma que “a língua é um fato ou um produto social”.

Porém para abordagem linguística ou sociolinguística⁴ faremos um breve resumo do livro, Macapacarana, analisando e contextualizando elementos que encontramos em nossa sociedade para mostrar as culturas do povo amapaense, especificamente representado pela sua forma de falar.

2 ANÁLISE DO LIVRO PARADIDÁTICO MACAPACARANA

O livro paradidático Macapacarana da autora Giselda Laporta Nicoletis, é dividido em 24 (vinte quatro) capítulos e conta a história do Menino Gerson Luiz de 16 (dezesesseis) anos, que nasce no Paraná, mora em Curitiba, Porto Alegre, São Paulo e Macapá. Nesse vai e vem de sua vida Gerson se depara com várias culturas em que algumas chegaram a lhe inferir o “choque cultural”⁵.

Em resumo, a obra começa relatando que Gerson morava em São Paulo quando recebe a notícia que terá que se mudar para Macapá com sua mãe, para cuidarem de seu pai Gabriel que se encontra doente. Gabriel é um garimpeiro que vive explorando terras em busca de ouro.

Percebe-se que logo no início encontramos pessoas migrantes para o Amapá, retratado pela família de Gerson, estes em busca de melhores condições de vida, tendo o pai que trabalha no garimpo de ouro. Isso torna-se um fato mediante a história do Amapá, pois Gerson e sua família representam as centenas de famílias, citado acima, que migraram décadas atrás para o Amapá, eram pessoas advindas de todo lugar do Brasil e exterior.

Gerson afirma que tem uma vida de “caixieiro” viajante, sem raiz nenhuma, quando começa a se acostumar com um lugar, já tem que se mudar para outro. Ele já morou em 5 (cinco) cidades diferentes e estudou em 10 (dez)

⁴ Referimo-nos sociolinguística, pois segundo Calvet “a linguística só pode ser definida como o estudo da comunidade social em seu aspecto linguístico, logo a linguística é a sociolinguística” (2002, p. 161).

⁵ Segundo Gustavo Jreige Choque cultural “é o conjunto de sensações e sentimentos (negativos, na maioria das vezes) que uma pessoa apresenta quando deixa seu local de origem e vai viver em um lugar diferente”.

escolas diferentes. Também detalha como foi a viagem de São Paulo até Belém e depois para Macapá.

Chegando a Macapá Gerson sofre um “choque cultural”, de início tenta resistir a qualquer influência cultural do Amapá, mas no decorrer da história descobre outro Brasil; dos rios, das matas, dos garimpos e dos animais em extinção. Pois é com o indígena José que Gerson aprende a amar e entender esse outro “país”. A princípio Gerson acha estranho ver ruas sem asfaltos, os animais soltos andando pelas ruas, as pessoas aqui dormindo em redes e cobertas com mosquiteiros, as mulheres que tem filhos em casa com ajuda de parteiras. Gerson relata que as coisas por aqui são mais difíceis pelas dificuldades de transportes e tudo fica mais caro. O menino percebe que é “tudo” diferente do sul.

É notável que a impressão retratada da cidade de Macapá no livro são fatos de décadas atrás - lembrando que é uma obra literária - mas não muito distante da realidade que hoje se encontra, pois ainda temos os mesmo costumes citados: *“pessoas que dormem em redes e cobertas com mosquiteiros; mulheres que tem filhos em casa com ajuda de parteiras”, etc.* (LAPORTA, 2009, pp. 9-62).

Já na sua nova escola, Gerson encontra com pessoas de todo o país, do nordeste e do norte principalmente, algumas do sul.

Na visão de Gerson o Amapá é o corredor do mundo em que as pessoas vem e se vão com muita facilidade. Pois a maioria dessas pessoas vem em busca de oportunidades de emprego, em que se encontram pessoas de São Paulo, Maranhão, Bahia, Pernambuco, Pará, etc. Por meio disso analisamos que com essas pessoas vieram suas culturas: crenças, costumes, e o principal a sua maneira de falar.

Daí entendermos o espanto que Gerson sofre ao ouvir pessoas com sotaque diferente do dele – designamos tal fato de variação linguística, sendo uma “herança ao mesmo tempo social e cultural em que nem mesmo o discurso da globalização consegue apagar os traços humanos da diversidade

de cada falante, no qual cada um tem um estilo próprio de manejar esse objeto social comum” (MURRIE, 2004, p. 15).

Na obra o menino percebe a diversidade cultural que o rodeia e as variadas formas de expressão oral, assim citamos Calvet (2002) a respeito dessas variáveis linguísticas:

As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a existência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas variáveis podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território. (CALVET, 2002, p. 89).

O fato é que Gerson se depara com muitos falares, mas com o tempo ele acaba se acostumando. Iremos aqui listar abaixo algumas das palavras ou expressões usadas na obra, como: Maleita (p. 1); caruru (p. 4); prenhe (p. 8); quintalão (p. 15); sesta (p. 16); cócoras (p. 20); bóia (p. 21); jabá (p. 21); baldearam (p. 24); mano enxirido (p. 37), metido a besta (p. 37); estropiado (p. 38); uma ova (p. 39); miúda (p. 46); punhado (p. 51); bacuri (p. 60); rija (p. 62); peste (p. 65); xi (p. 69); à beça (p. 72); empapado (p. 80); aboleta (p. 81); sarro (p. 85); candeeiros (p. 85); malebento (p. 85); estropolia (p. 85); balbúrdia (p. 85); saraivada (p. 86); bulício (p. 86); bateia (p. 88); aporrinha (p. 90); encher o saco (p. 90); afobar (p. 92); porrada (p. 92); boca do rio (p. 111); butuca (p. 116); danado (p. 128); bamburrou (p. 139); dejanto (p. 139); endiabrado (p. 147).

Essas palavras e expressões estão descontextualizadas, por isso a necessidade de expor as páginas em que podemos encontrar no livro para então dar sentido a elas. Ressaltamos que não iremos analisar cada uma delas e tentar dar sentidos, pois não se trata de um simples processo de pesquisa, rápido e de poucos meses de estudos, mas sim precisaríamos ir a campo e mapear todos esses vocábulos, ou seja, entrar em contato com o próprio falante.

No entanto, o trabalho no qual estamos a tratar é o de expor esses vocábulos da obra como marca e construção das identidades culturais do Amapá, pois como observamos, acima, temos expressões de outras regiões em que no contato com o falar peculiar do amapaense passa por um processo

de (re)significação ou mudança semântica, senão na permanência do sentido, como bem expus neste trabalho ao tratar de variáveis linguísticas.

Prosseguindo ao resumo da obra, Gerson chega a se comparar a uma pacarana – retratado no livro como um animal da Amazônia que está em extinção e que vive no quintal de sua casa.

Continuando, o pai de Gerson o leva para conhecer o garimpo e lá conhece José, o indígena, e se tornam grandes amigos. O índio, como todos o chamavam no garimpo, vivia triste, pois não tinha mais terras, porque a aldeia em que morava tinha virado pasto de fazenda e sua gente tinha morrido de sarampo, tuberculose, desidratação, sífilis, veneno que era colocado nas nascentes de rios pelos fazendeiros.

Os que restaram viviam de esmola ou se prostituindo pelas estradas da vida. Gerson reconhece todas essas atrocidades feitas com os indígenas, mas não tão somente com eles, pois o menino também sentia vontade de reverter o quadro da população carente do Curiaú – comunidade quilombola do Amapá.

Assim Gerson passou a se interessar em defender o direito dos índios e da população carente de Macapá. Ao final Gerson volta para São Paulo para se formar em medicina com o propósito de voltar e trabalhar em prol do povo amapaense.

A autora, como bem é exposto neste resumo, recorre retratar a outras etnias como a indígena e negra. Assim percebemos a diversidade da população amapaense e é essa diversidade que construiu e constrói as identidades culturais existentes no Amapá, desfazendo a ideologia da uniformidade cultural, pois não temos somente o indígena, ou o negro, ou o chamado “amapaense” por ter nascido aqui. Também desmistificando o pensar que o marabaixo, batuque ou que as “músicas populares amapaenses” são as únicas formas de expressão cultural que temos, pois todo e qualquer tipo de manifestação cultural, seja na dança, na música, nos costumes, na alimentação é composição cultural do Amapá.

Logo, por meio da explanação histórica feita sobre a formação populacional de nosso estado entendemos algumas mudanças que ocorreram, e que foi nesse processo que resultou em nosso povo amapaense tão diferente quanto o nosso Brasil. Por isso reafirmamos a não existência de uma identidade cultural e sim identidades culturais nos levando a reconhecer o povo amapaense por sua variada forma de falar, pelos costumes, pela sua alimentação, pela sua dança, pelas suas crenças, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, Macapacarana torna-se uma proposta didática a difusão cultural, pois nele encontramos as culturas, que são mais do que simples relatos de um menino ou uma história fictícia, mas sim podendo retratar as identidades de um povo, provocando ao leitor olhares diferenciado a partir do seu lugar social, levando-o a várias formas de pensar e ver a realidade nos fazendo mudar nossa maneira de ver as outras culturas, e enfim chegar a um processo de relativização, compreendendo e respeitando as culturas que nos rodeiam.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rosemary Ferreira de. **Malária e migração no Amapá**: projeção espacial num contexto de crescimento populacional. Belém: NAEA, 2005.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

DRUMMOND, José Augusto; PEREIRA, Mariângela de Araújo P. **Amapá nos tempos do manganês**: um estudo sobre o desenvolvimento de um estado amazônico – 1943-2000. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A – 11º edição, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar – 24º edição, 2009.

LIRA, Bruno Carneiro. **Leitura e recontextualização**: o discurso multicultural. São Paulo: Paulinas. 1º edição, 2010.

MORAIS, Jurandir Dias; MORAIS, Paulo Dias. **O Amapá em perspectiva**: uma abordagem histórico-geográfica. Macapá: Gráfica J.M, 2005.

MURRIE, Zuleika. **Língua Portuguesa**: projeto escola e cidadania para todos. São Paulo: Editora do Brasil, 2004.

NICOLELIS, Giselda Laporta. **Macapacarana**. São Paulo: Atual – 26º edição, 2009.

NUNES FILHO, Edinaldo. In: **Amazônia, Amapá**: escritos de História. OLIVEIRA, Augusto, et al. Belém: Paka-Tatu, 2009.

ROGNON, Frédéric. **Os primitivos, nossos contemporâneos**. São Paulo: Papyrus, 1991.

Entenda o que é Choque cultural. Disponível em: <<http://reporter.outrosolhos.com.br/entenda-o-que-e-choque-cultural/>>. Acesso em 11 de maio de 2011.

